

A Amazônia sempre esteve sob o olhar do homem que sobre ela descreveu o que via. INFERNO OU PARAÍSO.

Hoje, mais do que nunca, a Amazônia é perscrutada como o quadro *A Lição de Anatomia* (1) e toda a sua intimidade é registrada por palavras e imagens, por homens de todo o planeta: o conquistador espanhol Francisco de Orellana, cinco séculos atrás, viajando na miragem do mormaço e da fome, viu mulheres guerreiras montadas a cavalo como na mitologia grega das amazonas (fincou-se assim o marco da civilização greco-romana na região); ou o olhar de um astronauta acompanhando lá do cosmos o rio-mar serpenteando sinuosamente a linha do Equador, a mesma linha imaginária que divide o planeta Terra em dois.

O cineasta alemão Werner Herzog em seu filme *Aguirre* (2) captou esse transe impactante do olhar estrangeiro da região — a seqüência da balsa descendo a correnteza ao meio do rio, rodopiando sem eira nem beira, personagens vestidos com roupas de veludo, couro e ferro, naufragos, verdadeiros mortos-vivos entre a insensatez e o delírio. Aguirre não queria-querendo que a balsa aportasse em qualquer margem. O medo e o receio sabe lá de quem, deles mesmos, talvez, pela ambição de ser rei ou imperador da selva. Poderosos sem súditos ou escravos.

O vazio aparente e a exuberância da floresta amazônica atormentam até hoje a imaginação dos que nela chegam, despertando para o desejo indômito da conquista do Eldorado. Desejo de amor e ódio, de conquista e frustração, de preservação e destruição.

O cinema é, por excelência, o olhar privilegiado do século XX. Nas cinematecas do mundo inteiro encontra-se a memória de nosso tempo, parte do inconsciente coletivo. Os filmes de *Tarzã*, o *Ret das Selvas*, as *Piranhas Assassinas*, os documentários do tipo *Mundo Animal* e *Jacques Cousteau* são montados em nossa memória junto com filmes do gênero *Aguirre*, *Fitzcarraldo* (3), *Iracema* (4), *Bye Bye Brasil* (5) e mais o bombardeio de reportagens nos telejornais: cólera, malária, enchentes, garimpos, índios, assassinatos, jacarés, invasão de terras, queimadas, narcotráfico...

A primeira tomada aérea da floresta amazônica foi realizada por um dos pioneiros do cinema brasileiro, o luso-amazônense Silvino Santos, para o documentário *No Rastro do Eldorado* (6), registro da expedição H. Rice em direção a Roraima. Eles, na verdade, estavam fazendo o levantamento aerofotogramétrico da região e

de suas potenciais riquezas minerais. Talvez Silvino Santos não estivesse informado dos motivos que trouxera Rice à Amazônia, mas o título do seu documentário revela o sentimento secreto: *No Rastro do Eldorado*.

Hoje, em Roraima, a cobiça é exercida à luz do dia, sem mistérios, sem romantismos: milhares de homens vindos de todos os cantos do país, sem terra ou lei, invadem e ocupam a região degradando o meio ambiente, gerando conflitos que têm como primeiríssimo plano o genocídio dos yanomâmis. Esses homens que de lá sairão — se saírem — mais pobres e miseráveis do que chegaram; sem compreenderem onde começa e termina a linha imaginária do fluxo da riqueza nos garimpos de nomes sugestivos como *Bom Futuro*. Para quem?

Será que poderíamos comparar a corrida ao pote de ouro do eldorado amazônico com o filme *O Tesouro de Sierra Madre*? (7). Seu enredo conta a história de um gringo sem grana perdido no México e que, depois de receber uma graúda esmola, é abordado por um insistente *chico* nativo que, apesar de maltratado pelo gringo, convence-o a comprar um bilhete de loteria. O bilhete é premiado e leva o gringo a investir sua pequena fortuna na exploração de uma mina de ouro clandestina. Final-

# Zapping amazônico. Amazônia, Brasil?

AURÉLIO MICHILES



Foto de "Aguirre, a Cólera dos Deuses", filme do alemão Werner Herzog, com o ator recentemente falecido Klaus Kinski

mente, aquilo que parecia sorte certa torna-se, na verdade, a retratação da ganância e da ambição humana. A sorte dissipa-se e a vida apresenta-se como é: efêmera. *O Tesouro de Sierra Madre* nos revela, de algum modo, que não se pode sugar todo o leite da mãe; ela pode definhar e morrer como na fábula da galinha dos ovos de ouro.

A história do verdadeiro Eldorado não é uma fábula. É um manancial de recursos naturais, bilhões de dólares em madeira nobre, provavelmente a última floresta tropical do planeta esperando para ser abatida; os mais ricos minérios de ferro além de ouro, manganês e níquel, milhões de toneladas de bauxita no rio Trombetas, estanho, cassiterita, nióbio, linhito, potássio e calcário. E, no entanto, a região amazônica, como o resto do país, navega à deriva como os personagens de Herzog em *Aguirre*: abismados de poder, não conseguem chegar a lugar nenhum. Caminha-se sobre ossos de civilizações indígenas, exemplos vivos da forma vitoriosa da ocupação da Amazônia.

Contemplamos pasmos a calcinação de florestas inteiras fazendo surgir novas expressões como "cemitérios de castanheiras". Entre ruínas, insistimos em ser personagens do drama que escreveram para nós: a princípio um "futuro promissor", agora "incompetência", incapazes de transformar riquezas em outras riquezas. Linchamos a galinha dos ovos de ouro por pura ignorância. Por não sabermos ler nem escrever.

Continuamos a insistir em sermos reflexo do olhar estrangeiro-brasileiro que exclui a Amazônia de sua história escrita. Assistimos incrédulos, através do brilho da televisão, à produção de telenovelas e minisséries de um Brasil que generaliza aquilo que deveria diversificar. Poucas vezes a Amazônia foi abordada como ela mesmo é. É o caso dos filmes *Bye Bye Brasil* e *Iracema, uma Transa Amazônica*. Quando nos anos 70 o Brasil não mais correspondia às expectativas urbanas do sul com o abrupto conflito entre o arcaico e o moderno, foi a Amazônia o melhor argumento para que se entendessem nossas perplexidades.

É chocante a ignorância do olhar dos clássicos da história econômica do Brasil, que pouco esclarece ou contribui para se desfazer aquela visão enigmática que torna a Amazônia uma espécie de esfinge. Pura bobagem.

O período econômico do ciclo da borracha, por exemplo, nos compêndios de nossa história se contenta em falar de teatros e óperas e outros folclóricos causos. Logo ela, a Amazônia, com apenas 5% da população brasileira, ou um milhão de habitantes (1889-1912), chegou a produzir mais de 38% de nossas divisas, enquanto o restante da nação, com 17 milhões de habitantes, atingia 62% do total.

1 *A Lição de Anatomia do Doutor Tulp*, Rembrandt, 1632.

2 *Aguirre, a Cólera dos Deuses (Aguirre, der Zorn Gottes)*, Werner Herzog, 1972.

3 *Fitzcarraldo*, Werner Herzog, 1982.

4 *Iracema, uma Transa Amazônica*, Jorge Bodansky e Orlando Senna, 1974.

5 *Bye Bye Brasil*, Carlos Diegues, 1979.

6 *No Rastro do Eldorado (Expedição Hamilton Rice ao Rio Branco em 1924-1925)*. Silvino Santos nasceu em 1886 e morreu em 1970.

7 *O Tesouro de Sierra Madre (Tresures of Sierra Madre)*, John Huston, 1948.



Era uma época em que "o Brasil dependia da Amazônia para a obtenção das libras esterlinas, a moeda dominante na época, tão necessárias à manutenção do equilíbrio do seu comércio internacional, ao pagamento do serviço de sua dívida externa e ao desafogo orçamentário, que lhe permitiu investir no embelezamento do Rio de Janeiro, na construção das estradas de ferro do centro-sul, na implantação de nossas instalações portuárias, na execução de grandes campanhas de saúde pública e, pasmem, na manutenção dos preços do café, com a conseqüente salvação desta lavoura, enquanto o próprio produto, que tudo isso garantia, pela ausência de uma política de amparo, minguava lentamente e levava consigo toda a onda de progresso que injetava na vida econômica. Nesta época, São Paulo era a locomotiva, mas a Amazônia é que lhe fornecia os trilhos e o combustível necessários às suas caldeiras" (8).

Revelação bombástica? Ressentimentos provincianos? A realidade é que o olhar estrangeiro-brasileiro não vê, e por isso mesmo o projeto do desenvolvimento brasileiro tem sido um malogro não só na Amazônia como no resto do país.

Em 1974, o cineasta Glauber Rocha declarou que ao chegar em Manaus, para realizar seu documentário sobre o Amazonas (9), ficou chocado. Acostumado com o sertão e o mar viu todo seu imaginário amazônico desabar. Não conseguia fazer *closes*, tinha medo de penetrar na floresta e optava pelos planos gerais e de longas panorâmicas. Segundo Glauber, os jovens brasileiros deveriam ir para a Amazônia pois qualquer adolescente europeu se preocupava muito mais com ela do que qualquer intelectual ou político brasileiro.

Passaram-se mais de quinze anos e a Amazônia tornou-se a bandeira salvacionista do mundo. A narrativa que se faz da Amazônia hoje é dilacerante, típico filme de horror catastrófico: a Amazônia em chamas, em extinção. A busca desesperada em preservar-se um cadinho do mundo original. No entanto, foi nesse século do cinema, através dos filmes de bang-bang, que Hollywood banalizou a consciência da violência. É esta a abominável realidade.

#### Cenas de "Aguirre..."



Por outro lado, a banalização da consciência de sua tragédia é o seu próprio desafio como fonte de nossos sonhos, é, também, parte dessa violência que só tem sedimentado aquele imaginário que seduz com suas grandes e fantásticas histórias de intrépidos e audazes aventureiros em busca da arca perdida, transformando a palavra AMAZÔNIA numa conspícua logomarca capturada de um universo em degradação.

A Amazônia se encontra em combustão, em seu sentido múltiplo e metafórico.

8 Antonio José Souto Loureiro, *A Grande Crise*(1908-1916), Manaus, T. Loureiro e Cia., 1986.

9 *Amazonas, Amazonas*, Glauber Rocha, 1966.